

dos. Inspirando-se em fatos incontestáveis detectados, por exemplo aqueles referentes à maior instabilidade de preços recebidos pelos produtores de mercadorias agrícolas tipicamente voltadas para o mercado interno, em contraposição à menor instabilidade de preços daquelas ligadas ao mercado internacional, ambos os grupos protegidos pelo programa de garantia de preços mínimos, MELLO (12), chega-se a sugerir, atualmente, que a política de preços mínimos se proponha a estabilizar preços, principalmente de produtos de mercado interno, diretamente pela garantia de renda dos produtores, através de um mecanismo que estabeleça preços-base suficientes para cobrir os custos operacionais totais, além de uma sobre-margem variável entre 10% e 30%, SP AGRICULTURA (21). Isso poderia transformar o Governo em único comprador, substituindo todo o setor de comercialização, se os preços de mercado ficarem abaixo dos preços mínimos na época da colheita, além de simplesmente suprimir todos os riscos de preços e, conseqüentemente, estimular super produções não absorvíveis pelo mercado.

As ilustrações até aqui desenvolvidas são exemplos bastante variados e significativos de como o uso impróprio de constatações anteriores ou as generalizações aumentam a margem de erro do problema a ser estudado, a par a questão ideológica inerente a esse ramo das ciências sociais que é a economia. Assim procedendo corre-se o risco de passar por cima de relações essenciais, substituindo-as por soluções que aparentemente conduzem a respostas consistentes e cujas soluções, derivadas endogenamente de uma formulação incorreta, podem ter conseqüências desfavoráveis e imprevistas.

Este é precisamente o caso produtos alimentares x produtos exportáveis. O privilégio desses últimos pelo Governo, no passado recente, trouxe à tona uma bateria de argumentos em favor dos primeiros, fato, sem dúvida nenhuma, bastante saudável. Há, porém, o perigo de se generalizar para a agricultura brasileira como um todo constatações empíricas regionais que relacionam a produção de alimentos com o pequeno produtor, caindo no extremo de se eleger como quadro referencial a equação produtos alimentares = pequeno produtor versus produtos exportáveis = grande produtor. Isso induz a simplificar o complexo quadro das relações produtivas na agricultura e, também, a enfatizar visões reducionistas sobre a compreensão de problemas como o da geração de tecnologias. Nesse sentido, é

corrente a versão de que a modernização tecnológica atende pura e simplesmente o grande produtor e os produtos exportáveis como conseqüência direta da estratégia de crescimento das multinacionais, viabilizada internamente pela política econômica adotada (3). O que aparentemente conduz a esse tipo de raciocínio é uma interpretação dogmatizada da teoria marxista sobre a evolução do capitalismo e a sua transposição direta para a agricultura. Assim, é esperado que, como tendência mais geral, o capitalismo caminhe para a formação de monopólios, uma vez que a queda na taxa de lucro da economia cria as condições para a absorção continuada das empresas. Esse figurino não seria diferente para o setor agrícola, cujo desenvolvimento seguiria os mesmos passos. Ademais, como a tecnologia cristaliza as relações sociais, ela não poderia ser gerada senão para atender o (monopolista) grande produtor.

Essa visão obscurece a realidade por admitir, implicitamente, que o avanço ou a modernização da agricultura brasileira se deu de forma exógena, ou seja, de fora para dentro, escondendo o fato de que o processo de geração/adaptação de tecnologias agrícolas respondeu às necessidades do processo de acumulação ou, como se queira, gestou internamente as condições para a sustentação do desenvolvimento do setor, conforme se pode verificar pelos resultados encontrados por SILVA et alii (19), ao analisarem a geração de pesquisa para a agricultura paulista.

Contra essas formas mecanicistas de captar a realidade e de, conseqüentemente, conceber estratégias de intervenção inapropriadas procurar-se-á através da eleição do caso do café no Estado de São Paulo, levantar evidências da condição de heterogeneidade do setor agrícola procurando evitar, no futuro, a aplicação de medidas de políticas discriminatórias, tais como as que podem surgir da associação linear entre produção alimentar e pequenos produtores e, por analogia, produção de exportáveis com grandes produtores. Isto será feito enfocando o ângulo da geração de tecnologias, com sentido de ressaltar que as tecnologias geradas responderam às necessidades da cultura e de seus produtores e que sua adoção não levou a alterações acentuadas em termos de concentrar a cultura nas grandes propriedades.

(3) Conferir em SÃO PAULO (17), onde se afirma que "o modelo econômico dependente, construído durante o "milagre brasileiro", tinha como uma das estratégias básicas de crescimento o favorecimento ao capital internacional. E não há outra possibilidade de entender a modernização acelerada da agricultura brasileira...".